

#cm

2

TERÇA-FEIRA

Série no canal Brasil ajuda a entender Jorge Mautner PÁGINA 3	François Ozon desponta com favorito ao Leão de Ouro PÁGINA 5	Marco Vincit faz estreia ousada com álbum duplo PÁGINA 7
--	---	---

Guto Muniz/Divulgação

Galpão transforma o consagrado romance de José Saramago em experiência sensorial nos palcos



A cegueira

nossa de cada dia

O Grupo Galpão estreia no Rio uma das adaptações teatrais mais ambiciosas do repertório da companhia. “(Um) Ensaio sobre a Cegueira” faz do clássico romance de José Saramago uma experiência cênica que provoca uma reflexão urgente sobre os tempos atuais. A montagem, com direção e dramaturgia de Rodrigo Portella e direção musical de Federico Puppi, confronta

com a prosa ensaística do Nobel português com questões que atravessam o Brasil e o mundo três décadas após a publicação da obra. “Ensaio sobre a Cegueira” narra uma epidemia de “cegueira branca” que assola uma cidade, privando seus habitantes da visão e expondo a fragilidade dos pactos civilizatórios. Para Portella, a obra é a alegoria, quase satírica, de uma sociedade mergulhada numa espécie de

produtivismo capitalista que o próprio Saramago chama de “mal branco”. “Não é sobre não poder ver, como uma deficiência visual, é sobre não enxergar o que se vê. Estamos cegos diante de tanta imagem, perdemos a capacidade de ler o mundo em camadas mais complexas”, contextualiza o encenador.

Continua na página seguinte

A companhia mineira, com 43 anos de trajetória, encontrou na narrativa saramaguiana um terreno fértil para expandir sua pesquisa de linguagem. Eduardo Moreira, ator e fundador do Galpão, destaca que a parceria com Portella representa mais um importante capítulo da trajetória de experimentação e teatro de pesquisa do Grupo. Para ele, o teatro do Galpão está sempre em construção, numa perspectiva que revela limites ao mesmo tempo que convida a “viver novas experiências de risco e experimentação, não só entre nós, mas também na comunhão com o público”.

A adaptação propõe uma abordagem inovadora ao conceito de ensaio presente na obra original. Assim como Saramago atravessa fluidamente o limite entre realidade e ficção, os atores do Galpão não se submetem às personagens tradicionais. “As personagens estão a serviço do jogo e das motivações dos atores, do dramaturgo e diretor”, explica Portella. Essa escolha cria um fluxo de atuação que espelha a prosa saramaguiana, na qual os limites entre narrativa e diálogo se esfumam, questionando constantemente: quem fala agora, o performer ou a personagem?

Um dos mais destacados diretores teatrais brasileiros, com peças apresentadas em diversos países e vencedor de prêmios como Shell, APCA e Prix de la Critique Montréal, enxerga na obra de Saramago uma urgência contemporânea. “O negacionismo climático e científico é uma espécie de cegueira, assim como o automatismo, a adoção do autoritarismo como ideologia, a ausência de debate, todo tipo de fundamentalismo político-religioso”, analisa. Para ele, Saramago propõe uma epidemia de cegueira como forma de aprendizado, “para dar-se conta da necessidade de reparar, mudar, ajustar o sistema, retornar ao essencial”.

Fernanda Vianna, atriz do grupo, resalta a intensidade do processo criativo: “A dramaturgia dele é brilhante. Cabe o livro inteiro do Saramago nessa montagem, ou, como disse o próprio escritor, ‘o mundo inteiro está aqui dentro’”. Para ela, a “cegueira branca” de Saramago retrata a “cegueira moral da indiferença, do egoísmo, da tirania e da covardia, de nossa impotência diante das guerras, dos que têm fome”.

A camada sensorial da montagem ganha contornos especiais na trilha sonora assinada pelo premiado violoncelista e compositor italiano Federico Puppi.

Uma urgência contemporânea

Guto Muniz/Divulgação



Em ‘(Um) Ensaio sobre a cegueira’, a cegueira branca de Saramago é a cegueira moral da indiferença

“Cada ator, cada gesto, carrega uma sonoridade única, como se o grupo inteiro vibrasse em harmonia”, destaca o músico.

A temporada introduz uma novidade: o “Ingresso Experiência”, que permite ao público vivenciar a peça em uma experiência imersiva e sensorial no palco, guiada pelo elenco. A iniciativa reflete a proposta da montagem de quebrar as barreiras tradicionais entre palco e plateia, convidando o espectador a participar ativamente da reflexão sobre nossa capacidade de enxergar além das aparências.

O Galpão acerta ao escolher um autor como Saramago diante de um

conexão atual de desinformação, polarização e perda de senso crítico. “Quando vou a um museu muito turístico, constato uma cegueira geral. Poucas pessoas veem, de fato, as obras. A maioria não as enxerga, pois perdeu a capacidade de ler, observar e reter. Elas estão distraídas com suas selfies ‘instagramáveis’, perdidas numa espécie de automatismo”, exemplifica Portella.

Em tempos de excesso de imagens e escassez de visão, a proposta do grupo mineiro se impõe como um chamado urgente à recuperação de nossa capacidade de enxergar as camadas mais profundas da realidade.

O Galpão complementa a temporada com quatro oficinas gratuitas, voltadas à comunidade teatral.

SERVIÇO

(UM) ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA
Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº - Centro)
Até 14/9, de quarta a sexta-feira (19h), sábados e domingos (17h)
Sessões com acessibilidade em LIBRAS: 3, 7, 10 e 14/9 (quartas e domingos) | Sessões com audiodescrição: domingos
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia) | Promocional - R\$ 34 e R\$ 17 (meia)

Devaneios

poéticos,
filosóficos,
musicais...
e muito
mais

Canal Brasil estreia a série 'Jorge Mautner - Kaos em Ação', de Mini Kerti, que retrata 60 anos de trajetória de um multiartista inquieto

Por Affonso Nunes

O Canal Brasil estreia a partir desta terça-feira (2) a série documental "Jorge Mautner - Kaos em Ação", um mergulho profundo na trajetória de seis décadas de um dos artistas mais singulares da cultura brasileira. Dirigida pela cineasta carioca Mini Kerti, a produção de quatro episódios de 60 minutos cada acompanha a vida e obra do cantor, compositor, violinista, escritor e filósofo Jorge Mautner, revelando encontros improváveis com artistas, espiões, físicos nucleares e devotos de orixás que marcaram sua singular jornada criativa.

A série constrói um panorama da contracultura brasileira através da figura emblemática de Mautner, cujo percurso se confunde com momentos decisivos da história cultural do país. O primeiro episódio revisita as origens familiares do artista, desde a chegada de seus pais ao Brasil fugindo do nazismo até sua juventude marcada pela criação do Partido do Kaos e pelo

Divulgação

exílio nos Estados Unidos após o golpe de 1964. Essa trajetória inicial estabelece as bases para compreender como Mautner se tornou uma figura central da experimentação artística brasileira.

O segundo episódio documenta o período da ditadura militar e seu impacto na produção cultural de Mautner e sua geração. A série mostra como a repressão política forçou muitos artistas ao exílio, interrompendo processos criativos e obrigando-os a reinventar suas carreiras em território estrangeiro. Já o terceiro episódio retrata o retorno do exílio na década de 1970, quando músicos como Jards Macalé e o próprio Mautner celebraram os 25 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, simbolizando a retomada gradual da liberdade de expressão.

A produção se vale de um rico material de arquivo que inclui shows históricos, entrevistas raras e cenas de filmes fundamentais como "Jardim de Guerra", de 1968, dirigido por Neville d'Almeida e inspirado no livro "Kaos", que Mautner publicou em 1962. O documentário também resgata imagens de "O Demiurgo", filme de 1970 que o próprio Mautner dirigiu e no qual atuou ao lado de Caetano Veloso e Gilberto Gil.

O episódio final reúne depoimentos de artistas que compartilharam momentos decisivos com Mautner, incluindo Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia

e José Celso Martinez Corrêa. Vozes ajudam a compor um retrato coletivo do multiartista, revelando sua influência na formação de uma geração que revolucionou a música, o teatro e o cinema brasileiros.

Mautner é uma figura única na cultura nacional, transitando com desenvoltura entre a música experimental, a literatura filosófica, o cinema de vanguarda e a performance teatral. Sua obra desafia classificações convencionais, incorporando elementos do rock, do samba, da música erudita e de tradições afro-brasileiras em uma síntese pessoal que influenciou gerações de artistas. Autor de mais de 20 discos e diversos livros, Mautner construiu uma trajetória que espelha as transformações culturais do Brasil nas últimas seis décadas.

A direção da série explora toda essa diversidade e contextualiza a obra de Mautner dentro dos movimentos culturais que ajudou a criar e das circunstâncias históricas que moldaram sua produção. Através de um olhar cinematográfico cuidadoso, "Kaos em Ação" nos aproxima de um artista que sempre desafiou fronteiras.

SERVIÇO

JORGE MAUTNER - KAOS EM AÇÃO

De 2 a 23/, sempre às terças-feiras (19h30), no Canal Brasil



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Putin não vai com a cara de Alexander Sokurov, mas a antipatia é mútua. Veneza catalisou as inquietações políticas que cercam a obra do artesão autoral russo ao projetar sua experiência mais recente, “Director’s Diary”. Ainda que “saúde” não seja a palavra mais pertinente ao cinema que o realizador de “Arca Russa” (2002) faz, há um toque nostálgico em cena:

“Durante o governo soviético, eu tive a honra de ser amigo de Andrei Tarkovsky (diretor de ‘Nostalgia’ e ‘Solaris’) e dividi com ele o gosto de poder ver a vida por diferentes prismas, valorizando sua complexidade”, contou Sokurov ao Correio da Manhã, quando começou o roteiro de “Director’s Diary” (exibido fora de competição em Veneza), já no calor do ataque da Rússia à Ucrânia. “O que se pode dizer de mais concreto sobre o governo de Putin é que ele é algo complexo. Muito do que se passa e território russo hoje já estava prenunciado nos escritos de Tolstói, está nas páginas de ‘Guerra e Paz’, mas falta memória.”

Aos 74 anos, Sokurov vem trabalhando há cerca de duas décadas com acervos patrimoniais, o que inspirou pérolas como “Francofonia – Louvre Sobre Ocupação”, de 2015, hoje disponível na plataforma Reserva Imovision e na Prime Video. Há um interesse do diretor por obras de arte e a forma como elas são preservadas e há um interesse dele pela erosão de signos de Poder. Esse é o eixo de “Director’s Diary”, uma viagem, sem pretensões de conclusão, do que se viveu no planeta na segunda metade do século XX, a partir das recordações do artista eslavo. Chamar o filme de “biografia espiritual” não seria um erro, sobretudo pelas cicatrizes simbólicas ligadas à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O longa é semelhante a um livro que o espectador lê, folheando as páginas da trama – neste caso, pautada por fatos reais. Espectadores podem acompanhar, analisar e imaginar suas próprias conexões internas com eventos que vão de 1950 a 1999. “Assista-o com paciência, com um coração bondoso, com atenção... Esta história também diz respeito à sua terra natal, ao seu país e ao seu povo. Uma palavra: o Velho Mundo não muda”, explicou Sokurov em comunicado ao site de Veneza.

Com 51 prêmios em sua carreira, iniciada em 1974 e consagrada com o Leão



Os líderes históricos da II Guerra se reúnem em ‘Conto de Fadas’, de Alexander Sokurov

Fábulas da História

Festival de Veneza aclama novo longa do mestre Aleksandr Sokurov, constituído a partir de recordações como se fosse um diário

de Ouro dado a seu “Fausto”, em 2011, o diretor não aceitou a censura a produções russas que se abateu sobre o audiovisual, como retaliação às ações de Vladimir Putin na guerra da Ucrânia. Aproveitou seu status de antipatizante a todas as formas de totalitarismo para deixar circular uma das experiências sensoriais de maior radicalismo de sua obra. Reagiu a arbitrariedade com “Conto de Fadas” (“Skazka”), que lhe rendeu uma indicação ao Leopardo de Ouro do Festival de Locarno, na Suíça, em 2022. Ele foi premiado lá, em 1987, por “A Voz Solitária do Homem”. Foi até o evento helvético de novo com uma alegoria formada por imagens de Hitler, Winston Churchill e Stalin numa releitura mitológica, como se os três estivessem num Purgatório.

“Não existe ‘era uma vez’ em ‘Skazka’, nem existem elementos de animação, mas existe a recriação quase fabular de figuras políticas reais, com uma moral da História. Foi um garimpo de arquivos, no qual tudo o que você ouve vem de depoimentos reais colhidos em documentos e em registros fo-

nográficos. Mas não é um documentário. É uma provocação fabular”, afirmou Sokurov ao Correio da Manhã, em Locarno, ao analisar “Conto de Fadas”, que pode ser visto no Reserva Imovision. “Não é um filme que produz saber. É um filme que questiona.”

Hitler já havia sido retratado por Sokurov antes, em “Moloch” (1999), que ganhou o prêmio de Melhor Roteiro em Cannes. “Minha premissa em ‘Conto de Fadas’ era retratar figuras políticas proeminentes do século XX, num lugar fronteiro à fantasia que fazemos delas. Napoleão Bonaparte matou milhares de pessoas em nome da França, invadiu países, desrespeitou os códigos legais de muitas sociedades. Ele se enquadra na concepção histórica do Mal, chegou a ser estudado como vilão. Mas, hoje, há quem o veja como herói. É esse relativismo que me interessa. Eu procuro retratar o que sabemos dessas pessoas, deslocando-as de sua condição circunstancial de Poder e abordando suas inquietações emocionais. Hitler aparece no meu filme como uma figura triste. Stalin aparece cansado, esperando saber quando a



Locarno Film Festival

Morte vai chegar. É um reflexo da tortura eterna a partir da qual enquadro os dois”, diz o cineasta. “E esse enquadramento que busco, na imagem, depende do som, depende dos diálogos que eu reuni. Não faço cinema com medo da palavra. O verbo é parte da energia cinematográfica.”

Veneza chega ao fim neste sábado. Entre os concorrentes mais fortes se impõe o thriller “No Other Choice” (“Eojjeolsuga Eobsda”) marca a volta do sul-coreano Park Chan-wook às telas. A trama do novo longa do realizador de “OldBoy” (2004) fala sobre um desempregado passa a matar seus rivais na disputa por uma vaga de emprego. Ela é derivada do romance “The Ax” (1997), de Donald Edwin Westlake (1922-2008), filmada antes pelo franco-grego Costa-Gravas, em 2005, com o título “O Corte”.

Campeão de bilheteria, o mais prolífico dos cineastas franceses pode alcançar outro patamar profissional ao concorrer ao Leão de Ouro com 'O Estrangeiro', enquanto ocupa o streaming



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Perguntar ao parisiense François Ozon sobre a conexão consciente de seu "L'Étranger", que terá estreia mundial nesta terça-feira (2), no Festival de Veneza, com sua obra progressa é convite à ironia, quicá uma delicada patada: "Meu trabalho é fazer filmes, quem tem que fazer análises dos meus filmes é a crítica. Não me peça para cumprir uma tarefa que é da imprensa", desconversa o cineasta de 57 anos - o mais prolífico da França na atualidade - quando abriu a Berlinale com "Peter von Kant", em 2022.

Atropelada pela pandemia, essa releitura do marco de Rainer Werner Fassbinder (1945-1982) vendeu apenas 81 mil ingressos na França, embora tenha levado multidões aos cinemas em solo brasileiro, no Festival Varilux. Teve, em seu país natal, um público atípico para um cineasta que é sinônimo de sala cheia, como ele comprovou com seu filme seguinte, "O Crime É Meu", ao vender um milhão e noventa e um mil ingressos em 2023.

Embora alterne narrativas mais espinhosas (como "Está

O Camadas de ozon

Divulgação



'O Estrangeiro' pode dar a François Ozon (abaixo) o Leão de Ouro de Veneza
Berlinale.De



Tudo Bem", sobre finitude e eutanásia) com exercícios de gênero sem medo de ser comercial (como a comédia "Potiche", que vendeu 2,3 milhões de entradas), Ozon é sempre a maior diversão, não só para seu público, como para distribuidores e exibidores. "8 Mulheres" foi blockbuster, em 2002, com 3,5 milhões de tíquetes vendidos, e "Dentro da Casa" (2012) passou a marca do milhão também, além de conquistar a Concha de Ouro.

Ele não só faz sucesso nas bilheterias, como ganha prêmios. Seu título mais recente a aportar por aqui, "Quando Chega O Outono", mobilizou 674 mil pagantes em terras francesas e rendeu-lhe a láurea de Melhor Roteiro no Festival de San Sebastián, no norte da Espanha. É um misto de drama sobre velhice e suspense criminal que acaba de entrar na grade da Prime Vídeo.

É um Ozon dos melhores,

mas, com "L'Étranger", ele parece querer mais. Há quem diga que o Lido verá hoje seu exercício autoral mais contundente, inspirado pela literatura de Albert Camus (1913-1960). O livro que escolheu, "O Estrangeiro", de 1942, virou peça no Brasil, no início dos anos 2000, e reconfigurou a carreira teatral do ator Guilherme Leme Garcia. Antes, em 1967, foi filmado por um deus, Luchino

Visconti (1906-1976), e protagonizado por um titã, Marcello Mastroianni (1924-1996). Todas as adaptações se concentram em Argel, em 1938, onde Meursault, um funcionário tranquilo e modesto na casa dos trinta anos, comparece ao funeral da mãe sem derramar uma lágrima. No dia seguinte, ele engata um romance casual com uma colega, Marie, e rapidamente volta à sua rotina, sem encarar o luto. No entanto, sua vida cotidiana logo é perturbada por seu vizinho, Raymond Sintès, que envolve Meursault em seus negócios obscuros — até que, em um dia extremamente quente, um evento trágico ocorre em uma praia. Quem leu Camus (ou viu as versões de seu best-seller) sabe que se trata da morte de um árabe. O tema, associado a um país como a França, abre a ferida da xenofobia.

Ao investir nesse caminho, Ozon entra num terreno político

diferente daquele em que investe com sua estética queer (a luta contra a intolerância e a homofobia). Fez isso antes, em 2019, no longa "Graças a Deus", denunciado abusos sexuais de padres católicos, o que lhe valeu muitos desafetos na Igreja, mas catapultou sua obra para um outro terreno de prestígio, coroado com o Grande Prêmio do Juri da Berlinale.

"Eu não estou preocupado em ganhar o Oscar, nem espero reconhecimento de premiações. A minha preocupação mais sincera é dar ao público uma experiência inusitada a cada filme. Eu gosto do set, adoro trabalhar, então sempre estou ocupado com a criação", disse Ozon ao Correio em San Sebastián, quando "L'Étranger" já estava em gestação, com Benjamin Voisin (com quem fez "O Verão de 85") como Meursault.

Na ocasião dessa conversa, a crítica se encantava com "Quando Chega o Outono", um Ozon crepuscular, com foco na ferrugem sobre os corpos, de olhos voltados para a velhice. O júri de San Sebastián, presidido pela cineasta catalã Jaione Camborda, encantou-se pela maestria com que o diretor domina convenções de dramaturgia ao se arriscar a fazer suspense onde se esperava um drama geracional.

"A morte é parte da vida e, ao pensar nela, eu fico refletindo sobre o quanto precisamos usar bem o tempo que temos. Eu só não imaginava que estava fazendo meu filme mais mortífero, pois pelo menos três pessoas perecem aqui, numa história que não fala de violência bruta, mas tem seus mistérios", explicou Ozon ao Correio da Manhã em San Sebastián. "Meu empenho aqui era criar personagens que pudesse criar conexão com o público sobretudo por carregarem dois lados em si. Parecem agradáveis, no esforço de fazer o bem, mas erram, são falhos".

Veneza termina neste sábado. Na Amazon, há outras pepitas de Ozon como "O Amante Duplo" (indicado à Palma de Ouro de 2017) e o suspense "Swimming Pool: À Beira da Piscina" (2003).

Remake

com jeitão de filme original

Kate McKinnon e Ncuti Gatwa falam sobre os bastidores da comédia 'Os Roses: Até Que A Morte os Separe'

Por Pedro Sobreiro

Lançado em 1989, "A Guerra dos Roses" surpreendeu a crítica internacional com sua proposta de misturar comédia politicamente incorreta com um suspense poderoso para contar a história de um casal em crise, cujo imbróglio pelo divórcio leva os ex-pombinhos a entrarem em uma briga para tornarem a vida um do outro insuportável, até que alguém ceda.

Na última semana, chegou aos cinemas "Os Roses: Até Que a Morte os Separe", nova empreitada da Searchlight Pictures que reconta essa história, trazendo a essência do longa original para uma roupagem mais atual. Para estrelar o projeto, o casal agora é formado por Theo (Benedict Cumberbatch), um arquiteto renomado, e Ivy (Olivia Colman), uma aspirante a chef de cozinha que abriu mão do sonho para apoiar o marido.

Quando um acidente terrível acontece, Theo perde o prestígio no mercado ao mesmo tempo em que Ivy começa a crescer na carreira. Com os papéis invertidos, a vida fica insuportável, dando início a um processo de divórcio que vai extrapolar todos os limites.

Mais do que protagonistas

Sunita Mani e Ncuti Gatwa interpretam os ajudantes de Ivy, vivida por Olivia Colman

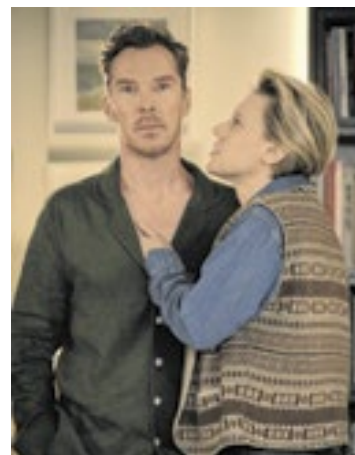
laureados, o longa conta com uma equipe criativa espetacular, já que é dirigido por Jay Roach ("Entrando Numa Fria") e escrito pelo espetacular Tony McNamara ("Pobres Criaturas"). E isso foi muito valorizado pela atriz Kate McKinnon, lenda do 'Saturday Night Live', que interpreta Amy, uma amiga que tenta convencer o Theo a "pular a cerca", e que conversou com o

CORREIO DA MANHÃ.

"Bem, o que me atraiu no projeto foi esse roteiro incrível de um dos meus roteiristas favoritos, um dos meus diretores favoritos, e saber que alguns dos meus atores e comediantes favoritos já estavam envolvidos nesse filme. Foi uma escolha óbvia, e fiquei muito feliz com a oportunidade", disse Kate.

"É um roteiro do Tony Mc-

Fotos: Jaap Buitendijk/ Searchlight Pictures



A personagem de Kate McKinnon tenta fazer Theo (Benedict Cumberbatch) 'pular a cerca'

Namara, então ele é comédia, é drama, e principalmente uma sátira. Quer dizer, ele consegue pegar um tempo, um lugar específico, um 'ethos', e simplesmente destruí-los com uma facilidade tremenda. Aqui ele faz isso com vários lugares, ele de alguma forma 'alfineta' os EUA e o Reino Unido em um projeto só. E, ainda assim, você gosta dos personagens e é divertido. E faz isso com há ideias tão grandiosas por trás. Eu acho que esse é o seu verdadeiro talento, dentre os muitos que ele tem", completou.

Já Ncuti Gatwa, que é dono de um *fanbase* gigante por seus papéis em 'Doctor Who' e 'Sex Education', ressaltou o brilhantismo do elenco.

"Estar nesse elenco foi como ter várias 'Masterclasses' com tudo o que eu aprendia diariamente. Eu chegava aos sets mal podendo esperar para aprender a me abrir e deixar a criatividade fluir livremente. O roteiro já estava perfeito, mas ver o que esses atores puderam tirar dele e usarem para brincar foi simplesmente incrível! O trabalho com o Jay [Roach], que é um diretor tão gentil e generoso, também foi incrível!", explicou Ncuti.

Ele completou contando que viveu um término de relacionamento durante os bastidores, mas que o clima era tão divertido que não conseguia ficar triste durante as filmagens.

"Eu estava passando por um término de relacionamento na época, e estava muito comprometido em viver essa tristeza. Eu estava lendo 'A Redoma de Vidro', da Sylvia Plath, e pensei: 'Preciso usar esse momento para entrar na minha fase artística mais triste'. Só que eu não conseguia, porque era incrível estar com todos aqueles atores brilhantes. E havia uma autocritica artística de altíssimo nível. Eu pensava em como aquilo era fascinante, sabe? Eu simplesmente via alguém fazer um set inteiro chorar de rir, e logo em seguida, eles conversavam para entender como poderiam melhorar. Isso te faz querer ser melhor", concluiu Ncuti Gatwa.

Um lançamento ousado

Marco Vincit estreia com álbum duplo que reúne 20 faixas que misturam paixão, romantismo e experimentação sonora

Por Affonso Nunes

Em tempos de lançamentos isolados de faixas, os singles, o mineiro Marco Vincit desafia as convenções do mercado com seu álbum de estreia “Rosas Amarelas: Uma História de Quase Amor Baseada em Fatos Surreais”, disponível nas plataformas digitais. O trabalho duplo reúne 20 faixas, um risco assumido

pelo cantor e compositor. “Estava preocupado com o álbum, especialmente pela questão de as pessoas pararem para ouvir 20 faixas”, admite o artista, que constrói um universo sonoro híbrido para embalar letras carregadas de romantismo, drama e referências contemporâneas.

Natural de Brumadinho, Marco transitou entre música e design antes de se estabelecer em São Paulo. Sua formação



Divulgação

Marco Vincit narra o início e fim de um romance fugaz vivido em São Paulo numa narrativa de 20 canções

no Palácio das Artes e a posterior dedicação ao design gráfico moldaram sua abordagem metodológica à criação musical. A decisão de gravar em Belo Horizonte, ao lado do baixista Felipe Fantoni, que coproduziu o trabalho, revela a dimensão afetiva

do projeto. “Falou mais alto a amizade com músicos mineiros”, explica o músico, que enviou 20 textos - inicialmente chamados de “histórias” - para Fantoni transformar em canções.

O álbum surge de uma experiência pessoal intensa: o fim

de um relacionamento longo e uma nova paixão vivida em São Paulo. “Vivi uma paixão rápida e fiz esse disco. Me separei de um namoro de muito tempo, e de repente me senti como se tivesse 20 anos, apaixonado de novo”, revela Marco. Essa experiência se traduz no conceito das quatro estações da paixão, organizando as faixas como um vinil duplo imaginário, onde cada lado representa uma estação do ano.

Musicalmente, “Rosas Amarelas” transita do R&B setentista às baladas românticas.

O processo criativo não foi isento de ansiedades. Marco relata ter ficado “doente com as redes sociais” durante a produção, precisando se afastar das plataformas para conseguir finalizar o trabalho. Essa tensão entre exposição e intimidade permeia todo o álbum, que inclui faixas como “Bonezinho Vermelho”, “Boy”, “Jesuino Brilhante” e a provocativa “Vai Se Fuder”, que encerra o disco.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Xadrez das relações

Bruno Gadiol lança o single “Nada Sério” em parceria com Zaac. A faixa integra o álbum “Gêmeos em Gêmeos” e retrata relacionamento desequilibrado onde uma pessoa quer compromisso e outra recusa, mas sente ciúmes. Videoclipe dirigido por Gadiol e Luke Vidal usa elementos do jogo de xadrez para representar estratégias nas relações. Gravação em galpão vazio simboliza incerteza amorosa. Colaboração surgiu através do produtor Zain, realizando desejo antigo do cantor de trabalhar com Zaac.

Divulgação



Luiz Bola/Divulgação



Perda, saudade e amor

Alexandre Beltramini lança “Bença”, single que marca seu retorno musical após quatro anos. A composição nasceu de um momento de luto ao piano, explorando temas como perda, saudade e amor. Com arranjos que misturam sintetizadores e orquestra, a faixa apresenta atmosfera densa e delicada. O artista define a música como “uma resposta à automação, valorizando a expressão humana na arte”. A canção conduz o ouvinte a um momento de reflexão sobre questões como fragilidade e conexão. “Ela foi criada para momentos de silêncio e reflexão sobre nossa condição humana”, diz.

Divulgação

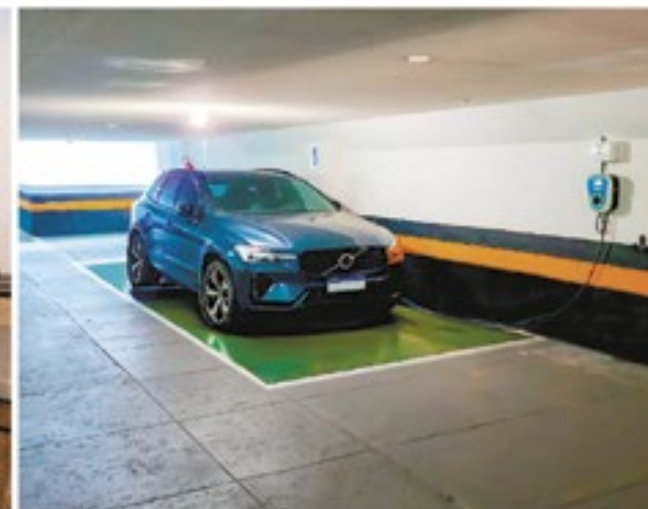


Metáfora dos girassóis

Jay Wheeler lança clipe de “Nota”, parceria com Omar Courtz e que integra álbum “Girassóis”. O trabalho, com 65 milhões de streams em 15 faixas, retrata três estágios da vida através da metáfora dos girassóis: dificuldades (plantio), transformação (crescimento) e maturidade (florescimento). “As pessoas falam sobre resultados, mas ninguém fala sobre o processo para se chegar lá”, compara. O álbum representa evolução pessoal do artista porto-riquenho do reggaeton e é dedicado às três mulheres mais importantes de sua vida: mãe, esposa e filha.



Apartamentos exclusivos e completos para long stay em Ipanema com a comodidade de ter serviços de um hotel à sua disposição.



R. Francisco Otaviano, 155 - Ipanema, Rio de Janeiro - RJ